

## **XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**

### **GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação**

#### **ARTICULAÇÃO ENTRE AS COMPETÊNCIAS INFORMACIONAL E MIDIÁTICA: UMA NOVA ALFABEYIZAÇÃO PARA A INFORMAÇÃO E A MÍDIA**

**Helen Pícaro Casarin (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP)**

**Mariana Pícaro Cerigatto (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP)**

#### ***CONFLUENCE BETWEEN MEDIA AND INFORMATION LITERACY: A NEW LITERACY FOR THE INFORMATION AND THE MEDIA***

#### **Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral**

**Resumo:** Em um ambiente digital que preza pela cultura da participação, multiplicam-se, cada vez mais, os conteúdos informativos, de entretenimento, comunicação, entre outros. Mídias tradicionais, novas mídias e seus conteúdos convivem juntos e demandam habilidades de manipulação, avaliação crítica, seleção e reflexão. Neste cenário, novas alfabetizações estão sendo proclamadas. Órgãos internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Cultura, a Ciência, enfatizam a necessidade de unir várias áreas de literacias que antes estavam separadas, propondo a competência informacional e midiática. O artigo traz um recorte da tese de doutorado em andamento, apresentando um extenso levantamento de pesquisas recentes sobre a articulação entre as áreas de competência informacional e midiática. O estudo ainda se baseou na análise de autores da área de competência informacional que elaboraram propostas de atividades para trabalhar com a mídia ou conteúdos midiáticos de forma educativa e em bibliotecas. O intuito foi examinar qual noção de competência midiática que esses autores possuem, baseando-se em fundamentos de autores advindos da competência midiática. Espera-se, com esta pesquisa, que se possa fortalecer o aporte teórico da área de competência informacional e assim chamar a atenção, também, para que os estudiosos e especialistas da área procurem se aproximar dos estudos, grupos de pesquisas e instituições que investigam e promovem a competência midiática e que a articulação entre os dois campos possa atender melhor os anseios de alfabetização do mundo digital e midiático em que vivemos.

**Palavras-Chave:** competência informacional; competência midiática; multi alfabetizações.

**Abstract:** In a digital environment that values the culture of participation, there is an increasing proliferation of information, entertainment, communication and other contents. Traditional media, new media and their contents coexist together and require manipulation, critical evaluation, selection and reflection skills. In this scenario, new literacies are being proclaimed. International bodies, such as the United Nations Educational, Cultural and Scientific Organization, emphasize the need to unite several previously separated areas of literacy by proposing media literacy and information literacy. The article brings a review of the doctoral thesis in progress, presenting an extensive survey of recent research on the articulation between the media and information literacy areas. The study was also based on the analysis of authors of the area of information literacy who elaborated proposals of activities to work with media or media contents in educational and libraries. The purpose of this paper was to examine the authors' notion of media literacy, based on foundations derived from media literacy. It is hoped, with this research, that the theoretical contribution of the area of informational literacy can be strengthened and draw the attention for scholars and specialists of the area to try to approach the studies, research groups and institutions that investigate and promote the media literacy and that the articulation between the two fields can better meet the literacy aspirations of the digital and media world in which we live.

**Keywords:** information literacy; media literacy; various literacy.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

**1 INTRODUÇÃO**

“[...] a tecnologia não é nem boa, nem ruim, e também não é neutra”  
(KRANZBERG, 1986, p. 544).

No mundo atual, a frase de Kranzberg (1986) nunca foi tão recorrente. Com o crescente avanço tecnológico, muitas mudanças na área de informação e comunicação foram visíveis. É natural, no entanto, que ocorram posições favoráveis ou desfavoráveis quanto a algumas consequências deste cenário. Um destes pontos diz respeito à produção de conteúdos, facilitada pela web 2.0.

Esse novo cenário atende a uma comunicação de auto-organização e também de nível sociopolítico, independentes da mediação do sistema de mídia tradicional. Este tipo de comunicação e produção de conteúdos desafia a política formal, pois, de certa forma, cria bases para que se divulgue os escândalos de corrupção, reforce movimentos de oposição etc. Não nos escapa citar aqui o exemplo clássico em que as redes sociais desempenharam um papel considerável: o caso das manifestações contra a ditadura nos países árabes, a Primavera árabe, que aconteceu nos países de Oriente Médio a partir de 2010. É um processo, conforme caracteriza Castells (2013), que evidencia a capacidade de cidadãos falar às massas, já que as redes sociais, especialmente, permitem agora multiplicar rapidamente mensagens advindas de pequenos grupos, sensibilizando várias sociedades. Foi o que ocorreu nas revoluções egípcia e tunisiana. Neste sentido, por mais que, em algumas situações, a tecnologia possa fazer papel de vilã, defende-se o empoderamento das diversas sociedades frente a novas possibilidades de produção de conteúdos e a inclusão de cada indivíduo como sujeito social deste novo contexto, pois “[...] a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (CASTELLS, 1999, p.25).

As redes sociais online se tornaram um grande “lugar” para a produção de conteúdos, protagonizada por mais diversos atores. Mas o que motiva que esses atores produzam conteúdo em rede? Para explicar isso, Recuero (2009) recorre ao processo de “capital social”. Ela explica que, quando criamos e espalhamos conteúdos em rede, certos valores são gerados na rede social, que podem ser de dois tipos: os de cunho social, ou seja, aqueles que são construídos na rede social e os que são apropriados individualmente pelos atores sociais. Assim, ao publicar uma determinada informação e conteúdo que seja considerado como relevante para a rede, um ator pode aumentar o conhecimento que circula no grupo em que está inserido. Em troca, este

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

produtor pode receber algum tipo de reputação dada pelo grupo. Essa reputação pode se associar à credibilidade do conteúdo disseminado, ou então pode relacionar-se com a relevância dessas informações para a rede, dentre outros motivos. Toda essa reputação seria o motivo pelo qual o ator continue produzindo: com o tempo, ele pode transformar essa reputação a seu favor, em alguma forma de capital, “[...] seja através de fama, anúncios em seu blog, centralização na rede e etc. Vemos, portanto, que há tanto interesse do grupo em receber e fazer circular as informações quanto dos atores em divulgá-las e repassá-las” (RECUERO, 2009, p. 07).

Uma das ferramentas digitais que marcaram essa atuação do receptor como produtor de conteúdo foram os blogs, que são “espaços” na internet que intervêm na atividade jornalística, na literatura etc. Como afirma Lemos (2010), os blogs, como canais de publicação, são a oportunidade para que o receptor “realize” seu desejo antes reprimido na cultura de massas: o de ser ator na emissão, de produzir e emitir informação, sem depender de intermediários. O mesmo estudioso identifica que este fenômeno está ligado a movimentos da cultura punk, que prega o “faça você mesmo, produza informação”. Conforme já mencionado, há uma significativa mudança entre a “comunicação de um para todos” e a “comunicação de todos para todos”.

Apesar deste processo de recepção ativa, que é fruto de uma prática sociocultural contemporânea, nos apontar que vivenciamos um certo “excesso informacional”, Lemos (2005) prefere chamar isso de uma situação de “[...] emergência de vozes e discursos, anteriormente reprimidos pela edição da informação pelos *mass media*. Aqui a máxima é ‘tem de tudo na internet’, ‘pode tudo na internet’” (LEMOS, 2005, p.2).

Este artigo, que é um recorte da tese de doutorado em andamento, apresenta um extenso levantamento de pesquisas recentes sobre a articulação entre competência midiática e competência informacional de autores da área de Ciência da Informação.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Competência midiática e competência informacional**

A partir deste cenário em que qualquer pessoa, em tese, pode ser produtor de conteúdos na web, da convergência de linguagens e mídias, se reforça a necessidade de reformular as diretrizes de alfabetização e também o significado de ser alfabetizado hoje.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Segundo Almeida Júnior (2006), atravessamos uma era em que se perpetua, além do texto escrito, a imagem fixa, a imagem em movimento e o som. Para o autor, as pessoas são analfabetas em relação às mídias (e linguagens) não escritas, por achar que não existe a necessidade de aprendizado dessas linguagens. Tal visão ainda permanece nos dias de hoje. Isso reforça o que já dizia Buckingham (2003, p.35): “alfabetização hoje é inevitável e necessariamente alfabetização multimidiática”.

O estudo de diferentes tipos textos e linguagens pode abranger conceitos de áreas distintas. Além da semiótica, linguística, análise do discurso, podemos ainda considerar o design visual, a linguagem do corpo, a leitura do espaço e das sonoridades, os efeitos da montagem (CERIGATTO; SIQUEIRA, 2008).

Diante do debate da necessidade de reformulação da alfabetização, ressaltamos a tentativa de unir duas grandes dessas áreas – competência midiática e competência informacional.

De maneira geral, a competência informacional, na visão de Dudziak (2003), relaciona-se à “[...] necessidade de se exercer o domínio sobre o sempre crescente universo informacional. Incorporando habilidades, conhecimentos e valores relacionados à busca, acesso, avaliação, organização e difusão da informação e do conhecimento” (DUDZIAK, 2003, p. 23)

Já a competência midiática, “[...] implica o domínio e os usos sociais de códigos e de processos midiáticos” (ZANCHETTA JUNIOR, 2009, p. 1118). De forma geral, competência midiática pode ser resumida como uma área interdisciplinar do conhecimento que se preocupa em desenvolver formas de ensinar e aprender aspectos relevantes da inserção dos meios de comunicação na sociedade. Assim, a “literacia em mídia” é o resultado esperado dessas ações pedagógicas, que envolvem, necessariamente, a compreensão crítica e a participação ativa (CERIGATTO; SIQUEIRA, 2008).

A cultura, a crítica, a criação e a cidadania são os “4C” da mídia educação, conforme Fantin (2014). As atividades de mídia-educação, segundo a proposta desta autora, estão relacionadas à cultura pelo fato de ampliar e diversificar os repertórios culturais dos indivíduos. Estas atividades devem também desenvolver habilidades de leitura crítica, através do exercício de análise, reflexão e avaliação de conteúdos. A mídia-educação também visa desenvolver a criação, a criatividade, a expressão, a comunicação e a construção de conhecimentos. Por último, temos a associação da mídia-educação à cidadania, já que atividades desta natureza permitem o exercício da mesma ao se apropriar criticamente da mídia. Fantin (2014) faz uma

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

analogia dos “4 C” da competência midiática aos “3 P” dos direitos das crianças em relação às mídias: proteção, provisão e participação. “[...] É na articulação dos direitos de proteção, provisão e participação com o direito à cultura, à crítica, à criação e à cidadania que entendemos a mídia-educação” (FANTIN, 2014, p. 51).

A competência midiática, que possui origem e propósitos específicos (LEE; SO, 2014), não está devidamente incorporada à competência informacional. Porém, essa contém elementos que podem contribuir significativamente para o preparo dos indivíduos para o uso e leitura críticas, éticas e reflexivas das mídias como fontes de informação.

Sabe-se que as fontes midiáticas estão presentes e entrelaçadas a uma série de provedores externos, como bibliotecas, museus, outras organizações informacionais e também a cidadãos que produzem seus próprios conteúdos (WILSON et al, 2013). Se a mídia é tida como um canal de informação relevante para se obter conhecimento, tomar decisões e promover discussões (WILSON et al, 2013), fica reforçada a sua importância enquanto objeto de estudo para a área de Ciência da Informação e para a competência informacional.

## **2.2 A mídia como tema de trabalho na área de competência informacional**

Ao realizar levantamento sobre o trabalho com as mídias na literatura sobre competência informacional, notamos certa dificuldade para localizar autores que exponham a necessidade de trabalhar as informações advindas da mídia em atividades educativas, ou no espaço da biblioteca.

Uma explicação para esta escassez esteja ligada, talvez, ao fato de que existe a crença, especialmente no ambiente acadêmico, de que tais canais de informação não são dignos de estudo, já que a mídia, por vezes, se liga a conteúdos de entretenimento, tidos como banais por comunidades científicas. Portanto, a mídia e seus efeitos de entretenimento têm sido pouco explorados como objeto de estudo na Ciência da Informação “[...] presumivelmente por causa da condenação imediata do entretenimento como escapismo barato” (ZILLMAN; BRYANT, p. 321 apud CASE, 2012, p. 121, tradução nossa).

Para Case (2012), esnobismo intelectual pode ser em parte a culpa. “[...] o discurso erudito tende a empurrar o entretenimento para debaixo do tapete. No caso de pesquisas sobre busca de informações, qualquer conteúdo que seja potencialmente divertido muitas vezes tem sido definido como ‘fora de escopo’ ” (p. 122, tradução nossa).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Brenda Dervin questionou a artificialidade da dicotomia entre informação e entretenimento (CASE, 2012) e considera os mass media como fonte de informação. Conforme ressalta a autora, a maior parte de buscas e consultas por informação sobre os mais diversos assuntos, passa, constantemente, pelas fontes não-formais de informação: “[...] As pessoas procuram fontes de informação formais apenas em um pequeno subconjunto de situações - quando todo o restante falhou ou quando fatores externos forçam a isso” (DERVIN, 1983, p. 158 apud CASE, 2012, p.124, tradução nossa).

Carol C. Kuhlthau é uma das importantes pesquisadoras advinda da Ciência da Informação que chamou a atenção para a relação entre competência informacional e a mídia. Em uma de suas obras mais importantes, que foi traduzida no Brasil com o título: “Como usar a biblioteca na escola – um programa de atividades para o ensino fundamental” (2004), ela propõe um programa de atividades que tem a intenção de integrar a competência informacional ao currículo escolar. Na obra, ela detalha uma metodologia para ensinar a usar os recursos informacionais, muitos deles disponíveis na biblioteca escolar e assim preparar as crianças para a prática de pesquisa escolar, principalmente. A sugestão é que as atividades ocorram no espaço da biblioteca ou em sala de aula.

Logo de início, a autora enfatiza que o programa proposto estimula a compreensão e a interpretação de variadas fontes de informação. Ela considera, por exemplo, que uma das principais fontes de informação de uma criança é a televisão, ao considerar que a TV cumpre um papel misto de informação e diversão. Na visão da autora, podemos ver uma postura equilibrada, que não descarta a televisão como meio digno de estudo, apenas pelo fato dela fazer referência ao lazer. A autora enfatiza que na televisão há informação revestida de entretenimento, que está intrinsecamente ligada à formação. “Em nossa cultura aprendemos utilizando vários meios” (KUHALTHAU, 2004, p. 67).

Ao analisar as atividades de Kuhlthau (2004), vemos que ela sugere não somente atividades que visam desenvolver habilidades de leitor de livros impressos, mas de espectador e ouvinte e assim fornecendo subsídios para auxiliar a entender, avaliar e selecionar recursos de informação e entretenimento. Isso porque, em cada fonte de informação, para ela, nos envolve em experiências diferentes. Ao assistir um programa de TV, temos uma determinada experiência, que é diferente de escutar uma história sendo lida. Por isso, a autora sugere que a leitura seja realizada em vários suportes, meios de comunicação e fontes de informação, pois cada um deles evoca imagens diferentes, exige diferentes ritmos e operações mentais.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Campello e Caldeira (2005) organizaram um livro em que vários autores discorrem sobre fontes de informação não convencionais como jornais, televisão, internet etc. Os capítulos do livro focam a caracterização e uso destas fontes, sem, no entanto, trazer sugestões de uma análise crítica das mesmas.

Behen (2006), em seu livro “Using Pop Culture to Teach Information Literacy: Methods to Engage a New Generation”, se baseia nas necessidades de informação e nas preferências de estilo de aprendizagem de alunos do ensino médio e sugerem como usar produtos da cultura pop (como, por exemplo, programas de TV e modismos da tecnologia atual) para aulas de competência informacional.

A pesquisadora chama a atenção para as características da geração mais jovem e sua relação íntima com a tecnologia. Aborda também os conflitos com gerações mais velhas em diferentes ambientes como a escola. Behen (2006) considera que a escola, assim como a biblioteca escolar, precisa fazer um processo de ensino-aprendizagem em parceria com essa nova geração, considerando o comportamento dos adolescentes e o que os motiva a aprender. Para haver uma aprendizagem significativa, a autora considera levar para dentro da escola a cultura pop, como forma de se conectar com esta geração. A cultura pop, para ela, não deve ser desprezada, pois é através dela que é possível iniciar um trabalho mais interessante para os jovens, e também porque a cultura nos dá uma imagem instantânea ou uma definição de uma época específica em nossa história.

Embora enfatize essa visão e forneça um caminho atrativo para trabalhar com a competência informacional, consideramos que é preciso tomar certo cuidado com a abordagem da cultura pop, pois em poucos momentos do livro a autora trabalha de forma crítica com os meios de comunicação. Sua ênfase é no uso destes como ferramentas de ensino diferenciado, mais como recurso de entretenimento. Logo no início do livro, Behen (2006) se refere a “brinquedos de comunicação”, ao dizer que atualmente o bibliotecário escolar tem vários métodos e recursos a dispor para fazer pesquisa. Ela propõe que o bibliotecário recorra às mídias e seus conteúdos como ferramenta educacional para a competência informacional e usa os meios de comunicação e aspectos da cultura pop, como, por exemplo, filmes populares entre adolescentes, para atrair a atenção dos alunos nas atividades propostas, sem uma preocupação com um olhar crítico dos mesmos.

A autora até cita, em algum momento, em uma das atividades propostas a importância de saber as diferenças entre um artigo escrito em um jornal noticioso e outro em uma revista

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

científica, acadêmica. Mas, em geral, o plano de atividades foca a linguagem de games e insere temas da cultura pop durante os jogos, com divisão de equipes entre alunos e desafios sobre competência informacional, com direito a prêmios para as melhores respostas. Utiliza métodos de “gratificação instantânea”, que despertam curiosidade e interesse.

A proposta de inserir a cultura pop, a tecnologia e a cultura da mídia no livro escrito por Behen (2006) é interessante, pois é uma forma de atrair e chamar a atenção dos alunos para temas de competência informacional de forma mais envolvente e cativa, sem dúvida. Mas é preciso tomar certo cuidado quando, ao inserir a temática da cultura da mídia, da tecnologia etc, não acabar caindo numa visão reducionista, considerando-as somente como ferramenta educativa. A competência midiática nos ensina que é preciso formar habilidades críticas sobre a própria tecnologia, a cultura da mídia, a cultura pop, não com objetivo de negá-las ou fazer uma crítica que distancia o aluno da escola, mas com o intuito de fazer refletir sobre seus gostos e consumo das informações por meio dos meios de comunicação. É preciso ter cautela ainda com atividades propostas no livro de Behen (2006) para que não se exalte ainda mais a cultura midiática, por isso é necessário desenvolver habilidades de leitura crítica desses conteúdos e não somente utilizá-los para tornar a aprendizagem mais divertida.

Buckingham (2008), ao fazer uma crítica sobre as abordagens que mais são “estratégias de edutretenimento” – abordagem na qual se toma elementos do entretenimento para tornar o currículo tradicional supostamente mais interessante, sobretudo para crianças “descontentes” fala que é preciso tomar cuidado para não enaltecer o envolvimento das crianças com os jogos de computador e outros produtos da cultura midiática ou cultura “pop”. Para ele, a postura de enaltecimento é acrítica e inteiramente positiva em relação à cultura pop e leva ao uso irrefletido da tecnologia. Vê-se a tecnologia apenas como um auxílio didático instrumental. Assim, são deixadas de lado questões cruciais sobre como as tecnologias interferem e representam o mundo, como elas formam significados e como são produzidas. Por exemplo, ao “vangloriar” os benefícios dos jogos para a aprendizagem, ignoram-se as dimensões comerciais, assim como se evitam perguntas tidas como “desconfortáveis” a respeito de seus valores e ideologias, como se vê no trecho a seguir:

Também incorrem em uma valorização um tanto vaga da “aprendizagem informal”, em que a aprendizagem formal é vista como algo intrinsecamente ruim. Esse argumento pouco considera a realidade das escolas e das salas de aula — e os muitos problemas que o uso de jogos na aprendizagem envolve (BUCKINGHAM, 2008, p. 03)

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Behen (2006) e Kuhlthau (2004) são exemplos de autores da área de competência informacional que abordam a cultura da mídia e os meios de comunicação em atividades educativas. Mas é difícil localizar estudos deste tema pela área, conforme já colocamos anteriormente.

McGarry (1991) faz uma advertência a esta escassez e coloca que sempre lhe pareceu estranho o fato de os bibliotecários demonstrarem tão pouco interesse sobre como ocorrem os processos de decodificação, interpretação e negociação de mensagens com os textos – e aí incluímos também os textos da mídia. O autor chama a atenção para mostrar o quanto o discurso tem poder - que um simples pedido de desculpas pode estar carregado de sentimento. Sendo a comunicação uma necessidade humana básica, nossos discursos são carregados de intenções, expressam sentimentos. Portanto, discursamos para persuadir, informar, questionar. Fazemos isso para nos sentirmos, muitas vezes, sujeitos pertencentes a um grupo. Falamos, muitas vezes, para obter conforto, autoafirmar uma ideia.

Portanto, em um contexto em que linguagens, tecnologias e mídias convergem, as competências necessárias para lidar com a informação nesse cenário de mudanças também convergem. Assim, surge a necessidade de integração entre competência midiática e competência informacional. Mas não é simples unir duas áreas que, apesar de semelhantes, se constituem como campos de estudos específicos. A seguir, vamos expor autores e pesquisas que investigaram a união entre essas duas literacias.

### **2.3 Pesquisas atuais que tentam unir competência midiática e competência informacional**

Entre os autores internacionais destacamos Leaning (2013) que também discute a integração entre competência midiática e informacional no texto “Towards the integration of media and information literacy: a rationale for a 21st century approach”. De acordo com ele, a competência midiática e a competência informacional têm histórias distintas e muito diferentes: a mídia educação tem uma longa história de desenvolvimento de estratégias defensivas, de enfrentamento e capacitação de audiências. Por sua vez, a competência informacional foca mais em ensinar técnicas direcionadas aos usuários de informação, para que encontrem, analisem e produzam informações.

No entanto, o autor observa que na medida em que as tecnologias evoluem, em que o conteúdo se torna cada vez menos vinculado a formatos e a plataformas específicas e à medida que a linha entre "público" e "usuário" desaparece, a distinção entre a competência midiática e

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

a competência informacional torna-se cada vez mais arbitrária e defende que as duas abordagens devem ser integradas em uma única abordagem.

O autor coloca que por mais que as duas noções estejam relacionadas, pertencem a campos distintos, tanto de pesquisa como de prática educacional. A educação para a mídia está mais dentro das escolas, enquanto a competência informacional, mais presente nas bibliotecas. Ambos os campos são amplamente reconhecidos como aspectos importantes da educação geral e, em vários casos, foram identificados como parte integrante da promoção de projetos políticos mais amplos de cidadania democrática e o fortalecimento da sociedade civil.

Leaning (2013) cita a importância da integração das duas áreas em três pontos principais: os campos compartilham uma mesma intenção; a integração iria melhor satisfazer as necessidades de utilizadores da informação do cenário contemporâneo e no também futuramente; e há uma lógica pedagógica na combinação dos dois. O autor ainda coloca que uma abordagem integrada para a alfabetização de mídia e informação requer maior cooperação entre instituições educacionais formais e instituições de acesso à informação, como bibliotecas públicas.

Ainda na perspectiva deste autor, não há mais como separar usuário e consumidor de mídia, pois para muitos a experiência é semelhante. Consequentemente, ter duas formas separadas de educação parece ser inadequado. Os consumidores de mídia precisam tanto das habilidades de manipulação de informações da competência informacional e também das abordagens críticas e interrogativas da educação midiática.

Entre levantamentos mais detalhados que buscam apresentar elementos que justificam esta intersecção entre as duas áreas, estão o de Lee e So (2014), autores de uma importante e recente investigação que mostrou comparar os dois campos em torno de uma constatação empírica de vários aspectos incluindo padrões de desenvolvimento, origens acadêmicas, revistas científicas, membros que constituem as duas áreas, instituições etc.

Para o estudo, os autores utilizaram a base de dados Web Science. A busca agregou palavras-chave de “media literacy” e “information literacy”, abrangendo o período de 1956 a 2012. Foram coletadas informações sobre vários descritores, incluindo: os anos de publicação dos documentos para verificar tendências; áreas de estudo envolvidas; títulos dos periódicos em que houve ocorrência de publicações; países de origem; autores; instituições a qual os autores estavam vinculados e as palavras mais usadas nos títulos das publicações.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Os dois autores anunciam similaridades e diferenças entre ambos os campos em torno de seis aspectos. O primeiro aspecto diz respeito a certo padrão similar de desenvolvimento entre as duas áreas, já que ambos os conceitos têm passado por uma rápida expansão recentemente. Nas últimas duas décadas, os dois conceitos têm se construído como áreas de pesquisa jovens e de potencial crescimento dentro do âmbito de alfabetização.

O segundo aspecto diz respeito às diferentes raízes acadêmicas de ambas as noções. Fica claro que a competência informacional emerge da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, e a mídia-educação se origina a partir dos estudos de meios de comunicação, da educação e das ciências sociais. A três principais revistas com publicações sobre competência informacional são revistas do campo de Biblioteconomia, enquanto as revistas sobre educação midiática procedem do âmbito da comunicação e das ciências sociais. Outra observação de Lee e So (2014) é que as revistas de competência midiática tendem a ter maiores fatores de impacto, enquanto as do campo de Biblioteconomia aparecem indexadas fora dos rankings das Ciências Sociais ou têm menor impacto.

O terceiro aspecto observado entre membros e instituições resulta em um indicador de que ambas disciplinas seguem sendo investigadas por grupos de pesquisadores e especialistas totalmente diferentes. A maioria das instituições e autores não coincidem. Lee e So (2014) constatam que das 18 universidades relacionadas com a competência midiática, 12 aparecem entre as 100 primeiras do Ranking de Shanghái<sup>1</sup> de universidades do mundo. Já em relação à competência informacional, de 18 universidades somente cinco aparecem no mesmo ranking.

O quarto item se relaciona com a coincidência de âmbitos e objetos de estudo. A educação, conforme constatam os pesquisadores, é o ponto de encontro de ambos campos. Esta coincidência dá bases para se construir uma proposta de integração e cooperação, mas cada área situa sua própria ênfase de forma distinta. De fato, há diferenças em seus objetivos de pesquisa. No exame de Lee e So (2014), os pontos de interesse para os pesquisadores da competência informacional são fundamentalmente publicações revisadas por pares, enquanto que para os que se ocupam da competência midiática, a atenção se centra nos meios de comunicação massivos e nas mensagens midiáticas.

O quinto item volta-se para a divergência de enfoques analíticos. A competência informacional se concentra mais na análise da informação e valoriza mais o quanto um

---

<sup>1</sup> O Ranking Acadêmico de Universidades do Mundo (ARWU) é conduzido por pesquisadores do Centro de Universidades de Categoria Mundial de Shanghai Jiao Tong University (CWCU). Mais informações:

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

documento se aproxima de dados e informações verdadeiras. Isso tem a ver com a análise crítica da qualidade da informação, mas não se examina o contexto: público, nem os efeitos da dita informação, conforme expõe Lau (2013 apud LEE e SO, 2014)

O sexto aspecto elencado por Lee e So (2014) faz referência aos objetivos de ambas as áreas, que compartilham o mesmo objetivo: “formar a os indivíduos para acessar, compreender, avaliar, comunicar, usar e criar mensagens midiáticos e informação” (LEE; SO, 2014, p. 144, tradução nossa). Ambas áreas chamam a atenção para a importância do uso ético da informação, da análise crítica do conteúdo, do uso de plataformas multimídia e de produção do conhecimento.

Para concluir, Lee e So (2014) colocam que, a partir dos conteúdos empíricos extraídos a partir da base de dados Web of Science, existe mais diferenças que similaridades entre os dois campos. A competência informacional é um campo mais extenso que a competência midiática, porém está mais restrita à área de Biblioteconomia. Já a competência midiática tem uma afinidade maior com a comunicação.

Mesmo assim, é importante reconhecer que ambos os campos coincidem em certos aspectos, mas a competência midiática não é, em nenhum caso, uma subcategoria da competência informacional e vice-versa:

Apesar de suas diferenças, dividem preocupações em comum, objetivos, assim como diretrizes futuras e coincidem no desejo de desenvolver habilidades chaves. Ambas visam ao desenvolvimento de indivíduos preparados para realizar juízos bem informados sobre o uso da informação na era digital, pondo em ênfase o uso de plataformas multimídia e a criação de conhecimento (LEE; SO, 2014, p. 145, tradução nossa).

No Brasil, poucos autores têm se dedicado ao tema. Uma das primeiras autoras que defenderam a convergência da competência informacional e midiática foi Dudziak (2010). Segundo ela, ao unir as duas áreas, se assume um compromisso mais crítico com relação à informação, à mídia e à tecnologia. Na concepção da autora, isso leva a questionar a forte presença da tecnologia digital e da mídia não só no cotidiano das pessoas, mas inclusive no contexto da cultura acadêmica. A mesma pesquisadora ainda coloca que a proposta de unificar os dois campos atende a demandas de produção de conteúdos próprios e contextualizados, por meio de recursos tecnológicos, além de incentivar a passagem da condição de consumidor para a de produtor.

No quadro a seguir, Dudziak (2010) sintetiza principais aspectos dos dois campos:

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

**Tabela 1: Aspectos da competência informacional e midiática na visão de Dudziak (2010)**

Competência informacional	Competencia midiática
Mobilização de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas à informação: necessidade, busca e uso, incluindo:	Resulta da convergência de conhecimentos, habilidades e atitudes mobilizadas em relação ao uso e compreensão
Processos investigativos/pesquisa	Meios e processos de comunicação e massa
Leitura e escrita (redação)	Uso crítico e contextual dos meios de comunicação
Manipulação de dados e informações	Uso das TICs
Produção e disseminação	Produção e efeitos da mídia
Preservação e reuso	Convergência midiática

**Fonte: Dudziak (2010, p. 12)**

Mais recentemente, Borges (2014) propôs o termo competências “infocomunicacionais”, contribuindo com conceitos que constituem a base teórica dessas competências. Em um de seus trabalhos, publicado nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) no ano de 2014, ela divulgou o resultado do estudo em que investigou como as organizações da sociedade civil, que buscam cada vez mais participar do ciberespaço, usam/empregam competências de natureza infocomunicacional. O trabalho de pesquisa também está vinculado ao Grupo de Estudos em Políticas de Informação, Comunicação e Conhecimento (GEPICC), do Instituto de Ciência da Informação (ICI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA)<sup>2</sup>, no qual Jussara Borges faz parte. Nas pesquisas desenvolvidas pelo GEPICC tem-se considerado também a competência em comunicação, conforme alega a pesquisadora.

Para Borges (2014), a união entre as duas noções se justifica diante demandas mais exigentes ao indivíduo - tais como selecionar a informação, ao produzir informação, saber adequar a linguagem e o meio a uma audiência, saber das regras de convivência do ciberespaço e ainda se atentar para os aspectos éticos e legais do uso da informação e da comunicação na internet. Assim como outros atores, Borges (2014) concorda que no ambiente digital essas áreas se aproximam mais ainda. As competências “infocomunicacionais” são parte de um processo social atual.

Para a autora, as competências infocomunicacionais estão envolvidas e em meio a elas perpassam as competências operacionais:

---

2 <http://www.gepicc.ufba.br>

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

**Figura 1: representação da relação entre as competências**



**Fonte: Borges (2014)**

Pesquisadores da Universidade do Porto e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Gallotti, Santos e Souza (2015), reconhecem o novo cenário infocomunicacional que surge com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), sobretudo na Internet e que demanda de novas habilidades relacionadas à produção, transferência, acesso, uso e apropriação da informação. Para isso, há a necessidade de relacionar as literacias informacionais e midiáticas.

De modo geral, as autoras consideram que as duas áreas – após revisarem teoricamente ambas - compartilham objetivos em comum em relação à produção, a busca, o acesso, a avaliação, o uso, a apropriação e a transmissão da informação e são compatíveis. Reconhecem que, por um lado, a competência informacional se preocupa mais com o desenvolvimento de competências de acesso, organização, produção, avaliação e partilha de informação para a interpretação, decodificação e apropriação desta para a construção do conhecimento. Já a competência midiática enfatiza o aspecto de compreensão, da seleção, avaliação críticas, assim como o uso de mídias e tecnologias para transmitir informação. Assim, ambas desejam o uso adequado da informação, assim como das mídias, “[...] para potenciar a interação, a comunicação e a participação do sujeito social nas ações dinâmicas do agir em sociedade que envolve o si, os próximos e os outros” (GALLOTTI; SANTOS; SOUZA, 2015, p. 353).

Para melhor ilustrar, as autoras representaram as áreas de convergência que acreditam ser os aspectos teóricos principais em que as duas áreas mais dialogam: 1. o pleno acesso à

informação, 2. a utilização dos conteúdos Web e 3. a interação social no escopo da cultura de convergência.

**Figura 2: Aspectos convergentes entre a literacia informacional (LI) e a literacia mediática (LM).**



**Fonte: Gallotti; Santos; Souza, 2015**

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabe-se que, dentro dos diversos conceitos associados à competência informacional, estão preocupações com a avaliação da informação, e também a interpretação, o uso ético etc. Apesar disso, vê-se o desenvolvimento desta competência, na maioria das vezes, relacionado a habilidades de pesquisa em ambientes acadêmicos, considerando, poucas vezes, outros contextos de uso e apropriação de informações, não somente em ocasiões de pesquisa, mas de lazer, atividades cotidianas etc.

Referente a isso, é fundamental que o conceito se entrelace a outras áreas do saber que visam trabalhar de maneira mais crítica a questão da informação não somente disseminadas em fontes tradicionais, mas em canais midiáticos que habitualmente integram nosso dia a dia. O próprio conceito de “avaliação” em competência informacional precisa não só considerar padrões estéticos de qualidade de uma fonte (qualidade gramatical do texto, design etc), mas também olhar mais para o contexto de quem produz, a linguagem utilizada, a parcialidade do conteúdo, o viés político, conotativo etc – ou seja, prezar pela compreensão crítica desses conteúdos – algo bastante trabalhado na área da educação para a mídia. Não que estes itens

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

não estejam contemplados na proposta de competência informacional, mas precisam ser aprofundados quando tratamos de fontes de mídia. Ou seja, a competência informacional precisa se relacionar mais além de propostas e contextos acadêmicos e de pesquisa.

Ao fazer uma revisão geral entre os autores da área de competência informacional que propõem trabalhar com as fontes de mídia de forma pedagógica, nos deparamos com propostas como as de Kuhlthau (2004). Nas atividades por ela propostas com a mídia, constata-se que há a preocupação em desenvolver habilidades de espectador e ouvinte, e há atividades que englobam assistir e analisar criticamente programas e outros conteúdos da televisão, assim como a linguagem utilizada para representar assuntos; análise de matérias jornalísticas etc. e assim fornecendo subsídios para auxiliar a entender, avaliar e selecionar recursos de informação e entretenimento advindas das mídias. Assim, percebe-se que a autora preza pela compreensão e reflexão crítica, e consegue dialogar os dois campos – competências informacional e midiática.

Já Behen (2006) propõe realizar atividades na biblioteca sobre competência informacional, e para isso utiliza estratégias de aprendizagem conteúdos da cultura pop, como filmes de ficção populares entre crianças e adolescentes. Apesar de válida esta iniciativa, ela não atende princípios da competência midiática, que coloca a importância de considerar e reconhecer o gosto de crianças e adolescentes pela cultura da mídia, porém tomando cuidado para não exaltar esses produtos, não se esquecendo de analisar criticamente o consumo desses conteúdos, sendo que a compreensão crítica é uma das chaves da competência midiática.

Ao levantar pesquisas de estudiosos que investigam a articulação entre competência midiática e competência informacional, observa-se que, a maioria dos trabalhos analisados dentre os autores citados, a concordância em unir as duas áreas se faz cada vez mais premente no ambiente digital, pois nele essas áreas se aproximam ainda mais. É também uma forma de garantir uma leitura crítica em relação à informação, à mídia e à tecnologia.

São vários os contextos em que a competência informacional poderia se beneficiar aproveitando o respaldo teórico da competência midiática. Dudziak (2010) aponta que a proposta de unificar os dois campos atende a demandas de produção de conteúdos, por exemplo, com mais propriedade, além de incentivar a passagem da condição de consumidor para a de produtor. Identificar contextos que as duas áreas poderiam se articular é, inclusive, reforçado Lee e So (2014).

Outro contexto que identificamos a colaboração mútua diz respeito à avaliação de conteúdos, uma área importante dentro da literacia informacional. No entanto, falte, talvez, aos

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

estudos da competência informacional ou da competência informacional, uma análise que supere a caracterização de fontes de informação capazes de determinar a verdade ou confiabilidade, ou seu aspecto organizacional. Na visão de Buckingham (2008) e também de Borges e Oliveira (2011), um caminho seria poder compreender o quanto determinada fonte de informação é construída sob ideologia e as “inclinações” são inevitáveis.

Percebemos as colaborações e pontos de fusão e interesse entre as duas áreas mesmo ambas não estando facilmente relacionadas, pois pertencem a campos distintos, tanto de pesquisa como de prática educacional. No entanto, há várias intenções em comum, sendo que os autores analisados concordam que a integração iria melhor satisfazer as necessidades do cenário contemporâneo. Assim como propõe Lee e So (2014), entre outros pesquisadores, se faz importante pensar na realização de projetos envolvendo estudiosos e profissionais de ambas as áreas, assim como a aproximação de grupos de pesquisas, estudos etc.

Ainda que se reconheçam distinções, é seguro afirmar que os campos estão associados e são complementares. Assim, os especialistas de ambas as áreas deveriam buscar aprender uns com os outros, compreendendo as especificidades de cada área.

A articulação entre os dois campos promove uma ampliação da atuação e aplicabilidade dos trabalhos relacionados à competência informacional – já que anteriormente colocamos a importância de desenvolver a competência além do contexto acadêmico – Assim, espera-se que a competência informacional se expanda para o cotidiano e que tais habilidades estejam ativas na hora de ler um jornal, acessar o feed de notícias do Facebook, assistir novela, um filme etc. É preciso pensar que a mídia e seus conteúdos também são fontes de informação e estão, a todo momento, contribuindo para formar visões de mundo, propondo solução de problemas, e influenciando em decisões políticas, pessoais etc. Assim, estar em consonância com pesquisas de outras literacias é fundamental.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário escolar: seu perfil, seu fazer. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. (Org.). **Fazeres cotidianos da biblioteca escolar**. São Paulo: Editora Polis, 2006, p. 43-54.

BEHEN, Linda D. **Using pop culture to teach information literacy: methods to engage a new generation**. Westport: Libraries Unlimited, 2006.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

BORGES, Jussara. Competências infocomunicacionais na atuação política de organizações da sociedade civil. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/17415>>. Acesso em: 02 Ago. 2016.

BORGES, Jussara; OLIVEIRA, Lídia. Competências infocomunicacionais em ambientes digitais. **Observatorio (OBS\*) Journal, Portugal**, v. 5, n. 4, p.291-326, 2011

BUCKINGHAM, David. Defining digital literacy: what do young people need to know about digital media? In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Eds.). **Digital literacies**. New York: Peter Lang, 2008.

\_\_\_\_\_. **Media education: literacy, learning and contemporary culture**. Cambridge: Polity Press, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra (Org.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CASE, Donald. O. **Looking for Information: A Survey of Research on Information Seeking, Needs, and Behavior**. Amsterdam: Elsevier; Academic Press, 2007.

CERIGATTO, Mariana Pícaro; SIQUEIRA, Alexandra Bujokas de. **Media literacy: estudando o trailer do cinema no ensino médio**. 2008. 90f. Trabalho de iniciação científica (graduação em jornalismo). Universidade Sagrado Coração, Bauru.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p.23-35, 2003.

\_\_\_\_\_. Competência informacional e midiática no ensino superior: desafios e propostas para o Brasil. **Prisma: Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação**, Porto, n. 13, 1-19, 2010. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/793/728>. Acesso em: 23 ago 2014.

FANTIN, Mônica. Contextos, perspectivas e desafios da mídia-educação no Brasil. In: ELEÁ, Ilana. (Org.). **Agentes e vozes: um panorama da mídia-educação no Brasil, Portugal e Espanha**. Göttenburg: Nordicon, 2014, v. 1, p. 49-57.

GALLOTTI, Mônica Marques Carvalho; SANTOS, Thais Helen do Nascimento; SOUZA, Jacqueline Aparecida de. Convergência entre a literacia informacional e a literacia mediática. In: CONGRESSO BRAGA: CECS, 3., 2015, Braga, Portugal. Convergência entre a literacia informacional e a literacia mediática. Braga: Literacia, Media e Cidadania - **Livro de Atas ...**, 2015. p. 345 - 357.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

KUHLTHAU, Carol C. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEANING, Marcus. Towards the integration of media and information literacy: a rationale for a 21st century approach. In: MIHAILIDIS, P. ; De ABREU, B. (ed.) **Media literacy education in action: Theoretical and Pedagogical Perspectives**, London: Routledge, 2013.

LEMONS, André. Cibercultura e remix. In: **Seminário “Sentidos E Processos”**. São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005. Disponível em:  
<<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf> > Acesso em: 20 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft?” **Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**, Bahia, v. 2, n. 2, p.09-22, dez. 2004. Semestral. Disponível em:  
<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/3416/2486>>. Acesso em: 03 abr. 2014.

\_\_\_\_\_. Cibercultura punk. **Revista Cult**, n. 96, 2010. Disponível em:  
<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/cibercultura-punk>. Acesso em: 26 out. 2014.

KRANZBERG, Melvin. Technology and History: "Kranzberg's Laws". **Tech Culture**, v. 27, n. 3, nov. 1986.

LEE, Alice Y.I.; SO, Clement Y.k. Media Literacy and Information Literacy: Similarities and Differences. **Comunicar: Media Education Research Journal**, v. 21, n. 42, p.137-145, 2014

MCGARRY, Kevin. **Literacy, communication and libraries: a study guide**. London: Library Association, 1991

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ZANCHETTA JR, Juvenal. Educação para a mídia: propostas europeias e realidade brasileira. **Educação e Sociedade**. [online]. 2009, vol.30, n.109, pp.1103-1122. ISSN 0101-7330.

WILSON, Carolyn et al. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília: Unesco, UFMT, 2013.